



EDITORIAL

EDITORIAL

FERREIRA, Simone Villas¹

¹ Mestra em Filosofia pela UFRJ (2002) - subárea: Estética - e licenciada em Filosofia pela UFJF (1998). Professora de Filosofia do IFSULDEMINAS, lotada no Campus Muzambinho. É autora de Projetos Político-Pedagógicos de curso de Graduação em Filosofia. Foi Coordenadora de curso de Filosofia; participou de processos de Autorização e de Reconhecimento de Curso, junto ao MEC. Possui pesquisas acadêmicas voltadas para as áreas da Estética, da Filosofia Política, da Formação de Professores de Filosofia e de Educação. É autora e Conselheira da Revista Eletrônica Filosofia Capital. É colaboradora do MEC como Avaliadora de IES, nos processos de autorização e de reconhecimento dos cursos de graduação em Filosofia e em Teologia. E-mail: simone.ferreira@muz.ifsuldeminas.edu.br. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4289873839436295>.



Caros Leitores,

Mais um ano que se encerra. E que ano! Intenso, apressado, conturbado, polêmico, virulento, violento, contraditório... são alguns dos adjetivos mais repetidos sobre as impressões deixadas por 2018. Aliado às impressões, o sentimento de renovação, de esperança, de recomeços e acertos ao Ano Novo que se inicia.

São padrões ideais que se repetem.

Nosso cérebro, reveladamente “preguiçoso” pela neurociência, repete padrões e é um grande adepto da lei do menor esforço na solução de desafios, na proposição de inovações. Ou seja, a neurociência explica-nos que nosso cérebro é capaz de um emaranhado de sofisticadas conexões (sinapses) justamente para escolher a decisão mais fácil, estabelecer o padrão mais simples de pensamento/comportamento. Porém, vale ressaltar que ‘soluções simples’ não são ‘soluções simplórias’; ao contrário, requerem criatividade, adaptação, compreensão, superação, resignação... qualidades humanas lapidadas há milênios. E, por falar em milênios, vem destes, aquilo que compreendemos sobre criação mítica e relação mística do homem natural com a natureza à sua volta.

Mas, por que criamos “padrões” de mística ou de mítica? Por que tem o homem tal necessidade dialética entre a criação de mitos e a compreensão supranatural da realidade?

Voltemos à neurociência: quando nosso cérebro é defrontado com desafios “impossíveis”, com situações “insustentáveis”, com questões “inexplicáveis”, o emaranhado de conexões tem três alternativas: 1) desistir (a pior das soluções, porque ameaça o ancestral instinto de autopreservação e sobrevivência), 2) entrar em profundo processo de dúvida (solução cartesiana, reflexiva, lenta e que dependerá de um considerável repertório de vivências, de experiências e até de vocabulário) e 3) entrar em profundo processo de fé (solução antropológica, que perpassa a totalidade da história humana, calcada na esperança, na consolação e no conforto). Significa dizer, portanto, que a fé é uma conexão, um padrão ideal simples e, por isso mesmo, profundamente humana, singela, estética e não menos empírica. Não necessita da dúvida (embora não a exclua) e abomina a desistência.

Compreender essa conexão é a motivação central da edição número 20, volume 13 (2018),

intitulada “*Homos Fidem*: relações entre a fé, a sociedade e a natureza”. A expressão latina traduz-se por “homem que acredita” (que dá crédito) ou “homem de fé” e por, remete a uma condição (estado de natureza?) digna de investigação/reflexão filosófica.

Assim, começamos com o artigo “A autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé em Blaise Pascal”, que pretende desenvolver uma reflexão sobre como o homem pode diluir-se em Deus, levando o ser humano à experiência de abandono do seu ser em Deus. Em seguida, apresentamos “Dilemas morais entre o consequencialismo e o deontologismo ético”, que trata de investigar a fundamentação da moral e dos critérios que permitem julgar a ação correta da incorreta. Também apresentaremos no artigo “Kierkegaard e a transformação do sujeito em si mesmo entre a vertigem da liberdade e o paradoxo absoluto da fé”, o que Kierkegaard define como tensão inaplacável entre existência e transcendência em um movimento que implica a interioridade e guarda correspondência com a necessidade de tornar-se subjetivo. No artigo “Teilhard de Chardin: o processo criativo divino (criacionismo) e a teoria da evolução”, a novidade do pensamento chardiniano é em relação ao processo criativo, como processo que ainda não teve fim.

No que tange aspectos da natureza, o artigo “Em defesa dos animais: princípios da ética vegana” propõe uma fundamental questão: que motivos levam o ser humano a explorar os seres não humanos e se há sustentação filosófica que justifique tal exploração. Já sobre os aspectos da sociedade, contamos nesta edição com artigos que versam sobre “Introdução ao materialismo histórico por Friedrich Engels”, “Rousseau: uma nova sociedade”, “O escopo dos princípios para uma validação pragmática animalista”, os quais pretendem mostrar as estruturas, ética e políticas que perpassam as decisões da sociedade.

Os artigos “O processo de inclusão como perspectiva reflexiva para a construção de uma democracia” e “Wittgstein, música e compositores: elucidaciones sobre a cultura e a linguagem” relacionam cultura, democracia e criação como processos humanizantes.

Boa leitura, boas ideias e novos arranjos mentais!

Feliz 2019 para todos nós!

Simone Villas Ferreira



Dear Readers,

Another year that ends. And what a year! Intense, hurried, troubled, controversial, virulent, violent, contradictory ... are some of the most repeated adjectives about the impressions left by 2018. Allied with impressions, the feeling of renewal, hope, resumption and correctness of the New Year that begins.

These are ideal patterns that repeat themselves.

Our brain, which has been "lazy" by neuroscience, repeats patterns and is a great adherent of the law of the least effort in solving challenges, proposing innovations. That is, neuroscience explains to us that our brain is capable of a tangle of sophisticated connections (synapses) precisely to choose the easiest decision, to establish the simplest pattern of thought/behavior. However, it should be noted that 'simple solutions' are not 'simplistic solutions'; on the contrary, they require creativity, adaptation, comprehension, surpassing, resignation... human qualities lapidated for millennia. And, speaking of millennia, comes from these, what we understand about the mythical creation and mystical relation of the natural man to the nature around him.

But why do we create "patterns" of mystic or mythical? Why does man have such a dialectical need between the creation of myths and the supranatural understanding of reality?

Let's go back to neuroscience: when our brain is faced with "impossible" challenges, with "unsustainable" situations, with "inexplicable" issues, the entanglement of connections has three alternatives: 1) to give up (the worst of the solutions, because it threatens the ancestral instinct self-preservation and survival), 2) entering into a profound process of doubt (a Cartesian, reflexive, slow solution that will depend on a considerable repertoire of experiences, even vocabulary) and 3) entering into a profound process of faith (anthropological, which permeates the whole of human history, based on hope, consolation and comfort). It means, therefore, that faith is a connection, an ideal simple, and therefore profoundly human, simple, aesthetic and no less empirical. It does not need the doubt (although it does not exclude it) and abhors the withdrawal.

Understanding this connection is the central motivation of issue number 20, volume 13

(2018), entitled "Homos Fidem: Relations between Faith, Society and Nature." The Latin expression translates as "man who believes" (who gives credit) or "man of faith" and, by referring to a condition (state of nature?) Worthy of investigation/philosophical reflection.

Thus, we begin with the article "The autonomy of reason and the reasonableness of the gift of faith in Blaise Pascal", which seeks to develop a reflection on how man can be diluted in God, leading the human being to the experience of abandoning his being in God. Next, we present "Moral dilemmas between consequentialism and ethical deontology", which tries to investigate the reasoning of morality and the criteria that allow us to judge the correct action of the incorrect. We will also present in the article "Kierkegaard and the transformation of the subject in itself between the vertigo of freedom and the absolute paradox of faith," which Kierkegaard defines as an unreachable tension between existence and transcendence in a movement that implies interiority and corresponds to the need to become subjective. In the article "Teilhard de Chardin: The Divine Creative Process (Creationism) and Theory of Evolution," the novelty of Chardinian thought is in relation to the creative process, as a process that has not yet ended.

Regarding aspects of nature, the article "In defense of animals: principles of vegan ethics" proposes a fundamental question: what motives lead the human being to explore nonhuman beings and if there is philosophical support that justifies such exploration. On the aspects of society, we have in this edition articles dealing with "Introduction to historical materialism by Friedrich Engels", "Rousseau: a new society", "The scope of the principles for a pragmatic animalistic validation", which intend to show the structures, ethics and policies that permeate the decisions of society.

The articles "The process of inclusion as a reflexive perspective for the construction of a democracy" and "Wittgenstein, music and composers: elucidations about culture and language" relate culture, democracy and creation as humanizing processes.

Good reading, good ideas and new mental arrangements!

Happy 2019 for all of us!

Simone Villas Ferreira